

Obra de moradia popular em Águas Lindas (GO)

Elza Fiúza/ABr

O cenário que todos desejavam

Ana Maria Castelo e Robson Gonçalves

A ECONOMIA brasileira vive a tão esperada inflexão. De setembro de 2008 até meados do primeiro semestre, predominaram o cenário de crise e as ações para combatê-la. Desde então, a atividade econômica tem dado sinais de recuperação. Em todo o mundo, já se discute o fim progressivo das medidas de estímulo à demanda e, no Brasil, essa discussão tem colorido próprio. Três questões se destacam. Em ordem de importância: a retomada do investimento, a sustentação das contas externas e o reequilíbrio das contas públicas. No âmbito da construção, o momento é de confiança, pois não restam dúvidas de que as medidas anunciadas pelo governo para reverter a queda de atividade setorial começam a mostrar seus resultados.

O retorno ao caminho do crescimento apenas se esboçou nos números do PIB do segundo trimestre. Daqui em diante, será preciso reduzir a dependência com relação às medidas de estímulo ao consumo. Confirmados os sinais de recuperação da economia mundial e alta da confiança dos empresários, será possível conciliar mais investimento com a manutenção do equilíbrio externo. Nesse contexto, o governo poderá se beneficiar de novos e saudáveis aumentos de arrecadação que, se conjugados à moderação nos gastos, especialmente com custeio, poderão colocar as contas públicas novamente nos trilhos. Este é um cenário cada vez mais provável que começa a influenciar as expectativas.

Perfil da demanda

O PIB brasileiro voltou a crescer no segundo trimestre. Na comparação com o trimestre anterior, livre de influências sazonais, o avanço foi de 1,9%. Em boa medida, isso se deve à recuperação da produção industrial, que avançou 2,1%. No confronto com igual período de 2008, houve queda de 1,2%, o que mostra que o nível de atividade ainda não voltou aos níveis pré-crise.

O consumo das famílias cresceu 2,1% na comparação com o período janeiro-

março, à frente da demanda global, e fechou o segundo trimestre 3,2% acima do registrado no segundo trimestre de 2008. O consumo foi, até aqui, um elemento de grande importância para conter os efeitos da crise global, refletindo as medidas de estímulo adotadas pelo governo no *front* tributário e no crédito. Mas há sinais importantes de modificação no perfil da demanda.

O comércio externo voltou a contribuir com o crescimento. As exportações tiveram alta dessazonalizada de 14,1% no terceiro trimestre na comparação com o período anterior. Isso mais do que compensou o crescimento de 1,5% das importações. Mas até mesmo este último número deve ser visto como positivo. A alta das importações após dois trimestres seguidos de queda é coerente com o cenário de recuperação industrial.

Importante: o investimento parou de cair. A formação bruta de capital fixo teve variação nula no segundo trimestre depois de acumular queda de 22,5% nos dois trimestres anteriores. Mas, no confronto com igual período de 2008, a queda é de 17%.

Depois de sucessivos aumentos, as despesas correntes do governo recuaram 0,1% na comparação com o primeiro trimestre, embora ainda sejam 2,2% maiores do que em igual período do ano anterior. Isso mostra que o crescimento da demanda no período não pode ser creditado como eminente relacionada ao aumento do gasto fiscal.

PIB da construção

Para a construção, os dados do IBGE vieram de acordo com o esperado, ou seja, ainda muito negativo. Depois de cair 9,8% no primeiro trimestre, o PIB do setor caiu mais 9,5% no segundo trimestre de 2009, na comparação com mesmo período de 2008. O setor acumulada assim queda de 9,6% no semestre na comparação com 2008.

No entanto é necessário lembrar que esses resultados eram esperados em decorrência da metodologia de estimação do IBGE para os dados trimestrais, que é feita a partir dos números de produção da indústria de materiais de construção. De fato, o impacto da crise na indústria pode ser bem percebido nos números de faturamento real que entre janeiro e julho, quando registrou queda de 11,6%.

O comércio de materiais também acusou queda expressiva entre janeiro e julho, 8,5% na comparação com o mesmo período de 2008. Incertezas e estoques elevados contribuíram para os maus resultados tanto da indústria quanto do comércio. No entanto o consumo de cimento, que reflete de forma efetiva a atividade do setor, manteve-se no primeiro semestre de 2009 praticamente no mesmo patamar de 2008.

De todo modo, o faturamento real da indústria de materiais cresceu 7,6% em julho na comparação com o mês anterior. O nível médio de utilização da capacidade das indústrias de materiais chegou a 83% em agosto, voltando a ficar próximo do observado em agosto de 2008 (85%).

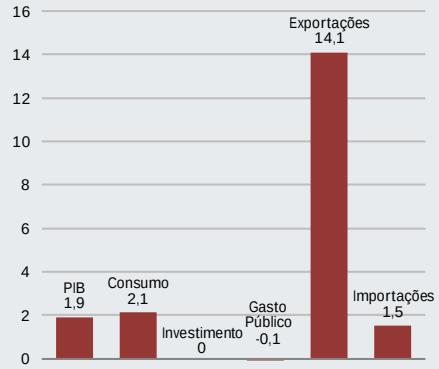
Trajetória da inflação

Os principais índices de inflação têm tido desempenho favorável. Os preços medidos pelo IGP-DI ficaram praticamente estáveis em agosto, com alta de apenas 0,09%, após dois meses consecutivos de deflação. No acumulado em 12 meses, o indicador acumula baixa de 0,53%. Trata-se de uma queda expressiva. Em agosto do ano passado, o IGP-DI acumulado em 12 meses era superior a 12%.

A tendência deflacionária do IGP está especialmente concentrada no atacado. Embora em agosto, o IPA tenha permanecido praticamente estável, com elevação de 0,07%, no acumulado em 12 meses, o recuo foi de 3,25%. Mas ocorreu uma certa mudança com relação a julho. Naquele mês, o IPA registrou variação de -1,16% e a deflação atingiu todos os componentes do índice. Em agosto, somente as matérias-primas brutas tiveram queda de preços, com destaque para o minério de ferro (-7,07%). Os preços dos bens intermediários (exceto combustíveis e lubrificantes) passaram de uma queda 0,31% em julho para uma alta de 0,29% em agosto.

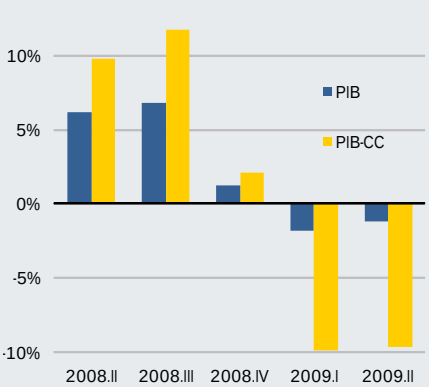
A tendência de recuperação da atividade industrial marcaria o fim do ciclo de queda nos preços do atacado? No caso de itens como minério de ferro e produtos de aço, altamente comercializáveis, é preciso considerar a influência da demanda externa, que continua retraída. Ainda assim, é típica a recuperação dos preços no atacado ao final dos perí-

Crescimento do PIB (%)*



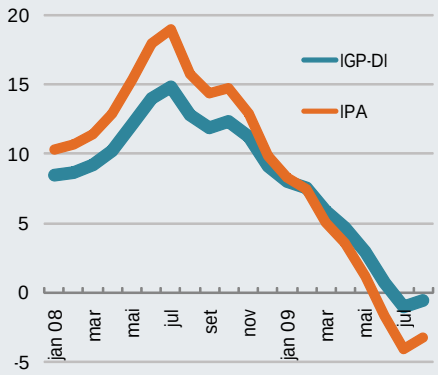
Fonte: IBGE. *contra trimestre anterior

Crescimento do PIB (%)*



Fonte: IBGE. *contra trimestre do ano anterior

Inflação acumulada 12 meses



Fonte: FGV

odos de recessão. Dada a importância do IPA no cálculo do IGP (peso de 60%), compreende-se que as expectativas do mercado de que o IGP-DI volte ao campo positivo em 2010. A inflação esperada para o próximo ano, medida por esse indicador, é de 4,5%, bem acima das projeções para 2009 (-0,67%).

Preços setoriais

A tendência de queda nos preços dos materiais refletiu-se com clareza no INCC de agosto. O indicador teve variação negativa de 0,05% contra alta de 0,26% em julho. Todos os três componentes do índice desaceleraram, com destaque para os custos com mão-de-obra, cuja alta passou de 0,65% em julho para 0,15% em agosto. Essa queda é tipicamente sazonal e reflete o fim do ciclo anual de reajustes salariais. Entre julho e agosto, o item serviços passou de 0,44% para 0,30% e os preços de materiais e equipamentos caíram 0,38%, aprofundando o recuo registrado em julho (-0,22%).

Dentre os materiais, dois itens importantes continuaram a registrar deflação. O preço dos vergalhões recuou 2,02% em agosto e o cimento, 0,64%. Tubos e conexões de PVC tiveram uma queda de preço ainda mais expressiva (4,43%), influenciada pela desvalorização do câmbio. No ano, o INCC materiais apresenta queda acumulada de 1,19%, comportamento bem mais favorável que o índice geral, que teve alta de 2,63%.

Nível de emprego

Em julho, a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE mostrou elevação de 2,6% na comparação com julho de 2008 no total de ocupados no setor da construção. No ano, o crescimento é de 1,6%. O emprego com carteira registra desempenho ainda melhor, refletindo o ritmo de atividade das empresas que, a despeito da queda nas vendas e da redução dos lançamentos, continuaram ou iniciaram novas obras.

Em julho, o setor recuperou plenamente as vagas perdidas nos últimos meses de 2008. Na verdade, o emprego na construção em todo país passou para um patamar superior ao observado antes da crise, e atingiu seu nível mais elevado desde que a pesquisa é realizada.

De acordo com a pesquisa da **FGV Projetos** e do **SindusCon-SP** com base nos dados do Ministério do Trabalho, em julho o estoque de trabalhadores com carteira em todo país alcançou o patamar de 2,2 milhões, o que representou um crescimento acumulado no ano de 7,94% na comparação com o mesmo período de 2008.

Os dois segmentos que mais têm gerado novas vagas são o imobiliário e o de infra-estrutura. No ano, o crescimento acumulado do emprego até julho é maior em infra-estrutura, 8,54% do que na área imobiliária, 5,47%.

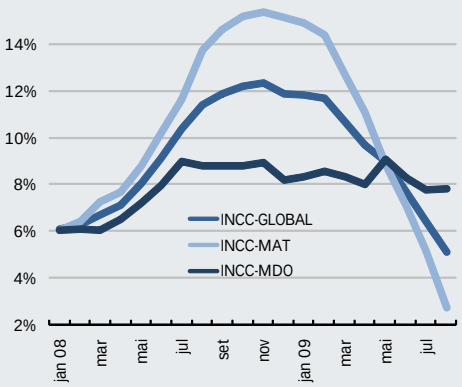
A recuperação dos postos de trabalho perdidos no final do ano ainda não ocorreu em todas as regiões do país. O Norte ainda registra queda na comparação com 2008. No entanto, o ritmo de abertura de novas vagas tem sido muito forte na região, que já registra crescimento no emprego de 7,9% desde dezembro. As obras das hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio têm respondido pela maior parte dos empregos gerados na região: em Rondônia o número de empregados com carteira mais que dobrou desde dezembro.

Lançamentos e vendas

Depois de um período de quase paralisia, o mercado imobiliário começou a dar sinais de vitalidade. Em São Paulo, a velocidade de vendas das unidades habitacionais retomou o ritmo de antes da crise. Na verdade, dependendo do tipo do imóvel, a velocidade de vendas é maior em 2009. É o que se observa, por exemplo, com os imóveis de dois dormitórios que no primeiro semestre do ano representaram 44% das vendas no município de São Paulo. Essa dinâmica já era percebida antes da crise. Com os recursos do programa habitacional do governo federal, esse segmento vem se mostrando ainda mais atrativo. Por outro lado, a redução dos lançamentos entre o final de 2008 e o início de 2009 determinou uma redução na oferta desse tipo de imóvel.

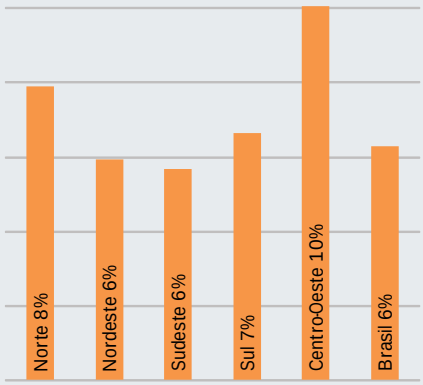
Vale notar que os lançamentos ainda não voltaram ao patamar anterior à outubro de 2008. Entre janeiro e julho, o número de unidades lançadas na região metropolitana de São Paulo ainda está 53% menor que a registrada no mesmo período de 2008.

Inflação acumulada 12 meses



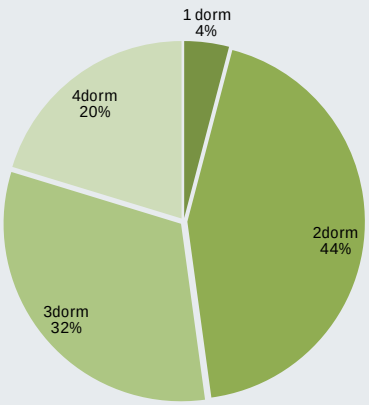
Fonte: FGV

Crescimento do emprego (%)*



Fonte: MTE, FGV Projetos / SindusCon-SP. *Com carteira, entre dezembro e julho

Vendas em São Paulo*



Fonte: Secovi. *Acumulado até junho